

# 'Exportação para o País pagar dívida'

18 OUT. 1985

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

*externa*

A dívida externa do Brasil só será paga se os países credores abrirem seus mercados para a exportação brasileira com a colocação dos produtos em condições normais de preços. Essa é a opinião do professor Décio Munhoz, do Departamento de Economia da Universidade de Brasília, que acredita ainda na necessidade premente de o governo respaldar seu discurso de endurecimento nas negociações com o Fundo Monetário Internacional, com a modificação da legislação sobre a remessa de lucros para o Exterior, a nacionalização dos bancos estrangeiros, a transferência gradual das reservas brasileiras para um país neutro, como a Suíça. "Se não tomarmos atitudes que demonstrem o desejo de modificar as regras do jogo, poderemos viver processo semelhante ao da Argentina", afirmou Munhoz.

Segundo ele, o modelo clássico de redução dos preços para exportação, garantindo a competitividade do produtor nacional no mercado internacional, é inviável. Na opinião do professor, o reflexo dessa política em nível da renda real dos trabalhadores brasileiros, já chegou ao extremo. Ele contestou os gráficos do governo que demonstram distanciamento nas relações salário/taxa de câmbio, afirmando que não há distanciamento mas, somente, a correção de uma disfunção que vem desde 1977. Na época, o preço dos produtos no mercado internacional estavam na base cem. Agora, chega a 53.

"Isto foi conseguido", afirmou Munhoz, "com a pressão sobre os salários. Se a relação está maior para os salários, é porque eles deixaram de cair." O nível da taxa de câmbio esteve em patamares superiores ao salário, disse Munhoz, em função da maxidesvalorização do cruzeiro e pela sua correção constante com a inflação interna. Há necessidade, esclareceu, de o governo corrigir agora a taxa de câmbio pela paridade, ou seja, pelas taxas de inflação interna e externa. A distorção crescente que se observou na relação salário/taxa de câmbio foi somente interrompida, ou parcialmente interrompida, com o crescimento dos salários, afirmou.

Não poderá pesar sobre os salários, na opinião de Munhoz, a garantia da exportação brasileira e, portanto, do pagamento da dívida externa. O professor acredita que a questão está nas mãos dos países credores. "Em nível nacional — disse — não se pode mais pressionar os salários, ou teremos um país de miseráveis. Quando o último navio de exportação deixar o País, seus tripulantes poderão vislumbrar a população literalmente de tanga."

Esse modelo clássico de pagamento da dívida externa, segundo Munhoz, mostra também sua inviabilidade em âmbito internacional. Na medida em que os países devedores tentam saldar seus compromissos com a exportação, a concorrência torna-se predatória. "Isto inviabiliza o pagamento das dívidas e empobrece, cada vez mais, os países devedores".

Acrescentou que se os credores estão ameaçando com medidas que efetivamente podem adotar, como já fizeram com a Argentina, e se o governo quer mesmo endurecer nas negociações, precisa tomar providências urgentes.